

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

O eterno mestre

Valéria Mariano

Início da década de 60, governo de Aluísio Alves. Atendendo a um pedido do então secretário estadual de Educação, Calazans Fernandes, a União Estadual dos Estudantes procurou por Paulo Freire, professor da Universidade de Pernambuco, que estava desenvolvendo uma experiência de alfabetização de adultos. Nascia então uma relação de trabalho, amizade e respeito entre o mestre Paulo Freire e o jovem presidente da UEE, Marcos Guerra.

"A abertura e simplicidade de Paulo Freire para conversar sobre a experiência e a possibilidade de trazer ao Rio Grande do Norte foram marcantes", afirma Marcos Guerra. Para a implantação houve todo um processo de treinamento com os envolvidos, começando com o seminário de formação de professores, realizado na Faculdade de Direito, na Ribeira.

Duas vezes por mês a equipe de professores, formada por universitários, recebia a visita de Paulo Freire acompanhando passo a passo a preparação para o início dos trabalhos. Madalena Freire, filha de Paulo, acompanhou grande parte desta etapa junto com o grupo. Durante às 40 Horas de Esperança, a presença do mestre foi marcante, sempre observando e conversando com todos, buscando a troca de experiências. "Ele tinha a proposta e a experiência, mas ouvia os universitários e alunos e aceitava modificar em função da prática. Atitude coerente com o método dele", explica Marcos Guerra, acreditando ser esta abertura e pragmatismo os responsáveis pelos resultados alcançados na experiência de Angicos.

O projeto, que nasceu de uma parceria entre o Governo do Estado do Rio Grande do Norte, a União Estadual dos Estudantes, Sudene e Aliança para o Progresso, foi encampada também pelo Ministério da Educação que, através da Campanha Nacional de Educação, levou a experiência, como projeto-piloto, para os estados de Sergipe e Guanabara.

Ditadura e Reforma Agrária
- O projeto nos dois Estados não chegou a ser implantado, sendo in-

terrompido na fase de preparação dos professores. Marcos Guerra trabalhava na implantação em Sergipe, quando todo material utilizado foi apreendido como material subversivo.

Depois de meses presos, sendo um período passado em Recife onde,

formou um grupo dirigente de apoio a Educação para a Implantação do sistema Paulo Freire para Educação de Adultos. Este grupo trabalhava no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra e teve a oportunidade de trabalhar em países como Angola e Cabo Verde, após suas indepen-

Chileno para Reforma Agrária. Para Marcos Guerra este é um dos pontos que refletiu a atualidade do sistema para o Brasil de hoje, frente ao problema dos sem-terra. "Formando a cidadania e o comportamento do cidadão dentro de cada um, pode-se pensar num futuro para um país"

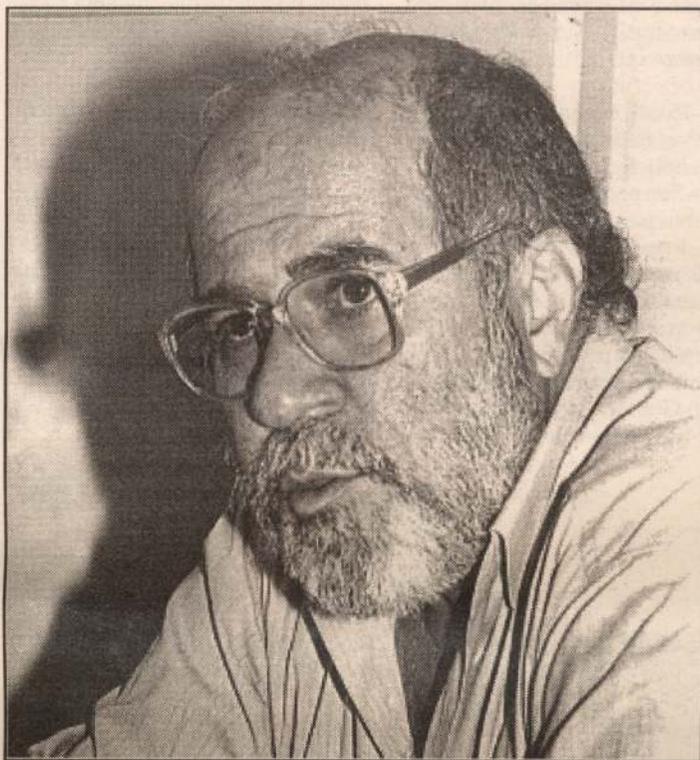
Como consequência da falta de cidadãos, tem-se os 60% da população do estado como analfabetos. "Se o sistema de educação tivesse tido continuidade, não teríamos uma sociedade analfabeta", afirma Marcos Guerra.

Brasil - A volta de Paulo Freire ao Brasil se deu logo em seguida à abertura do governo militar, em 1979. O amigo Marcos Guerra ainda demorou, ficando até 1985 fora do Brasil. "Paulo era um símbolo e precisava voltar ao país", relata Marcos.

Apesar da distância, pelo menos uma vez por ano os dois educadores se encontravam. A troca de experiência profissional voltou a acontecer, em território nacional, quando os dois eram secretários de Educação. Paulo Freire da cidade de São Paulo e Marcos Guerra do Rio Grande do Norte. Alguns dos conselhos dados pelo velho mestre foram seguidos, como o incentivo a formação de professores, iniciado com o projeto 8 Cidades, hoje desativado, e com a criação do Instituto de Formação de Professores.

Marcos Guerra ressalta uma das sugestões dadas por Paulo Freire: "É melhor trabalhar com algumas diretrizes, sem deixar dispersar o seu verdadeiro objetivo".

Da pessoa de Paulo Freire o amigo registra a bondade, firmeza, criticidade, estudo permanente, disciplina para produção intelectual e, principalmente, a integração familiar. "Paulo sofreu com o exílio e no exílio, por ser duro e pelas marcas deixadas nele e em cada um de seus familiares, o que não implicou em desânimo, mas em força para lutar na modificação da realidade brasileira, assim também como as equivalentes pelo mundo afora", finalizou Marcos Guerra, que durante toda a entrevista esquivou-se de falar de si mesmo, enaltecendo sempre o seu eterno mestre, Paulo Freire.



Marcos Guerra, exílio e amizade com Paulo Freire

tanto Paulo Freire como Marcos Guerra passaram um mês respondendo inquérito policial militar, a saída do país se tornou inevitável. Em 1965 Marcos Guerra foi para Paris e Paulo Freire para Genebra, na Suíça.

Mesmo com a distância, o contato entre os educadores era frequente. Marcos Guerra se tornou professor do Instituto de Formação Universitária de Paris - IRFED - onde, anualmente, Paulo Freire organizava um seminário. "Era a continuidade de todo um sistema de educação elaborado no Brasil do qual, o método de alfabetização faz parte".

As atividades relacionadas a educação eram constantes. Junto com vários brasileiros, Paulo Freire

dências de Portugal.

Em Cabo Verde, a experiência foi marcada por dois momentos. As primeiras palavras-geradoras usadas no país foram trabalho e disciplina, refletindo a realidade em que vivia a sociedade, com um partido tomando o poder com a revolução. "Num segundo momento as palavras forma trocadas por **morua e djuntamó**, um ritmo popular do país e o significado para mutirão, respectivamente. Era a alegria e a liberdade fazendo parte da realidade do povo", explica Marcos Guerra.

Uma outra experiência vivida por Paulo Freire foi no Chile, quando o educador teve oportunidade de desenvolver um sistema de educação para os assentados no Instituto

A INFORMAÇÃO QUE VOCÊ PRECISA

mesquisa
quista

VOCÊ TAMBÉM
APARECER

Exilado, em Genebra, Paulo Freire recebeu a visita de um jovem casal com uma filhinha.

"O moço era um médico sem maiores compromissos políticos mas absolutamente solidário com sua mulher. Ela, sim, envolvida com atividades antiditadura, emocionalmente 'esfarrapada', saindo às vezes do concreto certa de que vivia, no momento, o que narrava, tão veemente às vezes no relato das situações quando, de repente, encolbendo-se no próprio corpo quase desaparecia na cadeira em frente a nós. Às vezes dizia coisas cuja inteligência podíamos somente suspeitar. Retalhos de discursos apenas imaginados ontem na cela de suas terríveis experiências ou nela ditos em máximo risco.

Católica, trabalhava num dos movimentos clandestinos, a única chance que os militares golpistas davam à juventude na época...

Caída e presa, a que se seguiu imediatamente a tortura, por cujas mais diferentes e caprichosas formas de fazer sofrer ela passou, falou a nós por mais de três horas.

Ouvimo-la sem dizer ou sequer insinuar um basta, convencidos de que o nosso sofrimento de atentos escutas não se compararia jamais com o dela, que sofrera a dor no corpo sendo rachado por açoites e cuja memória então sendo revivida ela reincorporava ao corpo que re-sofria e re-penava. Foi a pessoa, até hoje, na minha experiência de vida, em quem mais senti necessidade de falar de seu padecimento, de sua humilhação, da negação de seu ser, do zero a que fora reduzida, mas, ao lado também de uma quase profunda surpresa - a de que aquelas coisas eram possíveis..."

EM PODE
R AQUI!